



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

A VIOLÊNCIA CONTRA A AMULHER RETRATADA POR LÍDIA JORGE: O ETHOS DE LÚCIA NO CONTO MARIDO

The violence against woman pictured by Lídia Jorge: the ethos of Lucia in the tale husband

Daniela, CORDEIRO, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.¹

RESUMO

Em época de valorização dos papéis e contribuições femininas para a sociedade contemporânea e colocando em evidência temas como violência doméstica, “feminicídio” e feminismo, a Literatura de autoria feminina se consagra e surgem novas autoras e novas perspectivas sobre como a experiência de ser mulher é representada nessas obras. Contribuindo para essas representações, O Conto Marido, de Lídia Jorge, traz como personagem principal, Lúcia, esposa dedicada, que trabalha como porteira e convive com seu marido, que é um homem violento. O conto traz representações do papel feminino e masculino na sociedade patriarcal e suas manifestações em uma família onde há problemas cuja origem está diretamente relacionada a esses papéis. O trabalho tem como objetivo analisar o Ethos da personagem Lúcia e o papel representado por ela na cena de enunciação cujo conto está representado. Para tanto, será utilizado o conceito de Ethos, sob o ponto de vista da Análise do Discurso de linha francesa, proposto por Dominique Maingueneau.

Palavras-chave: Ethos, Análise Do Discurso Francesa, Violência Contra a mulher.

ABSTRACT

In times of appreciation of women's roles and contributions to contemporary society and highlighting issues such as domestic violence, “femicide” and feminism, Literature of female authorship is consecrated and new authors emerge and new perspectives on how the experience of being a woman is represented in these works. Contributing to these representations, The Tale Husband, by Lidia Jorge, features as main character, Lucia, dedicated wife, who works as a porter and lives with her husband, who is a violent man. The tale brings representations of the feminine and masculine role in patriarchal society and its manifestations in a family where there are problems whose origin is directly related to these roles. The work aims to analyze the character of Ethos Lúcia and the role played by her in the enunciation scene whose tale is represented. For this, the concept of Ethos will be used, from the point of view of the Discourse Analysis of French current, proposed by Dominique Maingueneau.

Keywords: Ethos, Discourse Analysis of French current, Violence Against Women.

¹ Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8545-6159>, danielafmcordeiro@gmail.com

1. Introdução

Em época de valorização das contribuições femininas para a sociedade contemporânea e colocando em evidência temas como violência doméstica, feminicídio e feminismo, a Literatura de autoria feminina se consagra com o surgimento de novas autoras e perspectivas sobre como a experiência de ser mulher é representada na produção das obras.

Contribuindo para essas representações, O Conto Marido, de Lídia Jorge, traz como personagem principal, Lúcia, esposa dedicada, que trabalha como porteira e convive com seu marido, que é um homem violento. O conto apresenta o antagonismo do papel feminino e masculino na sociedade patriarcal, manifesto em uma família na qual há problemas cuja origem está diretamente relacionada aos mesmos papéis.

Há um grande número de trabalhos que estudam a composição de personagens femininas nos contos de Lídia Jorge. Destacam-se entre eles, O feminino na obra Narrativa de Lídia Jorge, de Maria de Lurdes Mota Pires de Aguiar Trilho, tese de doutorado que estuda a representação do feminino na obra da autora; e De bordadeira a escritora: a construção da identidade feminina nos quatro primeiros romances de Lídia Jorge, de Elisângela Fátima Nogueira Godêncio, dissertação de mestrado, na qual o foco da pesquisa se detém na construção geral de identidade feminina em amplos aspectos e em obras específicas da autora. Ambos trabalham com correntes teóricas que estudam os textos sob o ponto de vista da Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura.

Para adicionar uma nova perspectiva às produções já existentes, o presente trabalho tem como objetivo identificar como a autora Lídia Jorge caracteriza a mulher que sofre violência doméstica na criação da personagem Lúcia. Para isso, como meio de análise, estudaremos o *ethos* discursivo da personagem e o papel representado por ela na cena de enunciação, cujo conto está figurado. Tendo em vista esse objetivo, a pesquisa será desenvolvida utilizando como principal fonte teórica, a Análise do Discurso de corrente francesa, proposta por Dominique Maingueneau.

Partindo de seus preceitos, nos quais ele afirma que toda fala procede a um enunciador encarnado, e que mesmo sendo escrito, um texto traz sempre uma voz, será aplicado o conceito de *ethos* para analisar a voz da personagem e suas ações retratadas na cena da enunciação apresentada no conto. Segundo Maingueneau, por sua própria enunciação, o texto encarna as propriedades comumente associadas ao comportamento da voz presente no texto.

Além de conversar com os preceitos da AD de linha francesa de Maingueneau, o trabalho irá dialogar com os teóricos Pechêus e Ducrot, além de citar fontes como Helena Brandão.

Elucidando, o conceito de *ethos* pressupõe que toda fala procede de um enunciador encarnado; que mesmo quando escrito, um texto possui uma voz que garante a comunicação entre ela e o leitor. Ou seja, por meio de uma análise da construção de uma enunciação, podem-se revelar traços da personalidade do enunciador. Sendo o *ethos*, em uma simples abstração, um meio de revelação da personalidade do enunciador, é possível compreender a voz do enunciador pelo texto, suas ações e intenções.

Embora não esteja explícito no enunciado, sua eficácia está no fato de que ele envolve de alguma forma, a enunciação. Por meio dos conceitos de caráter e corporalidade do *ethos*, é possível também determinar o conjunto de características físicas e psíquicas que podem ser ligadas às representações coletivas representadas pela personagem, no caso, as mulheres que sofrem violência doméstica. Conjuntamente, o conceito de incorporação do *ethos*, apresenta como um de seus registros indissociáveis, que o co-enunciador incorpora e assimila, um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito, pela maneira de controlar seu corpo, de habitá-lo, em uma forma específica de se inscrever no mundo.

Para que seja possível atingir os objetivos deste trabalho, primeiramente será preciso contextualizar o mérito da pesquisa sobre a representação da mulher vítima da violência doméstica na literatura, já que esta retrata a sociedade que a produz, e sendo esse um tópico tão amplamente discutido e abordado em nossa atualidade. Igual importância também há em que essa mulher seja retratada pelo ponto de vista de uma autora mulher, destacando-se a relevância do lugar de fala feminino.

Após essa contextualização, serão apresentados os conceitos teóricos utilizados como meio de obtenção de resultados de pesquisa, como os preceitos teóricos de Dominique Maingueneau, competentes ao estudo da Análise de discurso de corrente francesa, incluindo o conceito do *ethos* presente no estudo das cenas de enunciação.

Concluindo e apresentando os resultados do trabalho, teremos a argumentação sobre a representação figurada da mulher vítima de violência doméstica caracterizada na personagem Lúcia, arquitetada pela autora Lúcia Jorge e também quais implicações essa representação pode ocasionar, favorecendo o entendimento e debate sobre a violência contra a mulher.

2. O Discurso do Papel da Mulher nas Obras de Lúcia Jorge

Desde o seu primeiro romance, *O dia dos prodígios* (1980), a romancista portuguesa Lúcia Jorge interroga a violência patriarcal, a memória colonial e pós-colonial ou ainda as identidades em crise na sociedade hegemônica, de forma a reconfigurar uma consciência crítica com fortes implicações éticas, proporcionando ao leitor uma notável experiência de uma viagem no tempo que revela as importantes mudanças em Portugal entre os anos 50 e a atualidade.

Toda a obra de Lídia Jorge ilustra este “empoderamento”, ao privilegiar o terreno sociológico e testemunhar sobre a História, a identidade, o segredo, a corrupção, a liberdade, a violência, o sentido da responsabilidade, entre muitos outros temas que atravessam toda a sua escrita. Desde O dia dos prodígios, que fascinou de imediato a crítica em 1980, até ao seu último romance A noite das mulheres cantoras, publicado em 2011, a obra de Lídia Jorge, foi coroada por inúmeros prêmios literários, e caracteriza-se por uma grande coerência temática e por uma tonalidade puramente ética, veiculada por um olhar que transforma a herança recebida do passado, mobiliza valores fundamentais e transmite ao leitor uma consciência crítica do mundo.

No conto Marido, Lídia Jorge utiliza essa consciência crítica para denunciar a violência doméstica vivida pela mulher na sociedade portuguesa, fundamentalmente católica e que escondia os problemas familiares atrás de uma imagem de casamentos de fachada e excesso de religiosidade.

A análise do discurso de corrente francesa, representada pela obra e trabalho do linguista Dominique Maingueneau, difere-se da análise linguística comum porque esta se refere ao estudo da palavra descontextualizada, vista somente pelo ponto e vista da língua.

Em oposição, a AD observa o texto verbal ou não verbal como o produto de uma relação entre o que está escrito e o leitor. O texto não possui somente a materialidade das palavras e expressões, mas ele passa a ser um universo a ser entendido pelo leitor dentro de um contexto no qual esse leitor está inserido no momento dessa leitura. Sobre a interferência das condições de produção do discurso, Pecheux infere:

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está ‘isolado’ etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado. O que diz, o que anuncia, promete ou denuncia, não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz. Um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para ‘dar o troco’, o que é outra forma de ação política. (PECHEUX, 1969, p.77)

O discurso, assim como a leitura, está à mercê de uma gama de significados que ultrapassam a materialidade linguística de um texto. Da mesma forma que um texto é lido conforme o contexto no qual o leitor se encontra o texto também é construído em uma base ideológica que sempre se faz presente e que é facilmente detectada quando feita uma leitura atenta, analítica e aprofundada do texto. Isso porque, segundo a hipótese de Bourdieu,

[...]consiste em supor que, entre esses dois polos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo o campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. (Bourdieu, 2004, p. 20)

Não existe um discurso totalmente neutro. A neutralidade aparente em um discurso já é em si um posicionamento. Podemos definir então a AD como um gesto de leitura, uma forma de ler o mundo baseado no efeito de sentido despertado pelas escolhas semânticas e lexicais de um texto e as relações entre essas escolhas e a interpretação do interlocutor frente a elas.

O discurso é o objeto que nos permite observar as relações entre ideologia e língua, bem como os efeitos do jogo da língua na história e os efeitos desta na língua. É por meio do discurso que se vai compreender como um material simbólico produz sentidos e como o sujeito se constitui. Ao situar-se como lugar privilegiado de observação entre a língua, a ideologia e o sujeito, o discurso propicia, como bom observatório, a visualização das propriedades do complexo dispositivo teórico-analítico (FERREIRA, 1996, p. 196).

2.1 *Memória discursiva*

Quanto à memória discursiva, outro conceito importante para o presente trabalho, esta se refere à existência histórica do enunciado e o quanto essa referência pode interferir na leitura que o interlocutor fará desse enunciado. São conceitos históricos que são retomados em uma nova realidade definida pelo contexto temporal e social do texto.

Podemos tomar como exemplo a famosa frase “Não passarão!”, que foi dita originalmente pelo general Robert Nivelle, durante a primeira guerra mundial, na batalha de Verdun. (SOUNDHAUS, 2014, p.236) A frase constitui um ideal de resistência, fazendo com que ela voltasse a ser usada anos mais tarde, em 1936 na Guerra Civil espanhola, e novamente em 2018 durante as campanhas eleitorais que polarizaram o Brasil. A frase foi proferida novamente, não devido somente a sua importância histórica, mas sim à memória discursiva que remete ao seu significado ideológico de resistência.

É a memória discursiva que reaviva frases, histórias e obras, tornando o discurso imortal e atemporal. Para Mutti (2007):

Na atividade de reconstituição do acontecimento pela memória, o sujeito mobiliza implícitos, sentidos pré-construídos que tendem a reforçar a regularização, pois surtem o efeito de já-lá; no entanto, se desestabilizam pelo sujeito que os resgata na sua enunciação, sempre única” (MUTTI, 2007, p. 266).

Em adição, Ferreira (2001, p.20) aponta que a memória discursiva é parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. Coutine e Haroche (1994) afirmam que a linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico.

Para complementar, Orlandi (1993) enfatiza: “que o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos.” Em face disso e ainda dentro da área de estudos da AD, é preciso anteceder o conceito de Ethos pela construção da cena de enunciação.

A cena de anunciação é o que valida e legitima um discurso por meio do tipo de discurso, que pode ser publicitário, literário, entre outros, pelo gênero desse discurso, no caso uma propaganda de jornal ou uma poesia ou conto e a cenografia que é como um teatro onde o discurso é apresentado por um cenário e seus personagens.

Portanto a cena legítima, valida e argumenta a favor do discurso e fazendo com que o interlocutor vivencie e seja imerso no universo daquela determinada enunciação. Segundo Maingueneau (2005), o ethos é condicionado pela cena da enunciação que é composta de três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia:

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma 'instituição discursiva': o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética. (MAINGUENEAU, 2005, p. 75).

Esse conceito é importante neste trabalho, pois é por meio da cenografia que a construção do Ethos da personagem em questão nos é apresentado e é pela cena da enunciação que se pode definir as características que fazem dela uma mulher que vive em situação de abuso. A cena então nada mais é do que a encenação do contexto situacional do discurso. Brandão (1996) afirma que as sequências discursivas compõem três domínios: de memória, da atualidade e de antecipação. Esses elementos, que formam os domínios, compõem referências datáveis e históricas do discurso.

Para Brandão, “o domínio discursivo da memória é uma formação discursiva de referência” e seus efeitos podem ser de “lembranças, de redefinição, de transformação quanto ao esquecimento, de ruptura, de negação do já-dito” (1996, p. 99). Entretanto, o domínio de atualidade é fruto do efeito de memória retomado no presente, dessa maneira, discursos anteriores são retomados e reforçam discursos no presente. Para essa autora, o discurso de antecipação é formado por sequências discursivas formuladas no intradiscurso, que utilizam os efeitos do domínio da atualidade (BRANDÃO, 1996).

2.2 O *ethos*

Como conceito principal de análise deste trabalho a ser usado para caracterizar a personagem Lúcia no conto Marido, de Lídia Jorge – objeto de estudo – dentro da AD tem-se o Ethos discursivo. Quanto à apresentação do conceito de *ethos*, faz-se necessário retomar a sua definição mais antiga: a do *Ethos* da retórica de Aristóteles. Segundo ele, o discurso era dividido em três partes: o Logos, que era a razão do discurso estruturada pela argumentação, o *Pathos* que era a emoção utilizada para influenciar o ouvinte ou leitor e o *Ethos*, que vem de ética, com ênfase no orador.(ARISTÓTELES,1887). De acordo com Heine (2007), dentro da Análise do Discurso:

O *ethos* se refere a textos orais e escritos, em que os enunciadores fornecem uma imagem de si através do discurso. Assim, dizer que os participantes do discurso criam uma imagem de si através dele, significa também afirmar que o discurso carrega as marcas do enunciador e do co-enunciador, entendidos como aqueles que interagem no processo discursivo (HEINE, 2007, p. 41).

Logo, as imagens do enunciador e do co-enunciador agem no campo discursivo, constituindo-se no processo enunciativo. A partir disso, verifica-se então que o *ethos* não está no enunciado, mas sim na enunciação. Segundo Discini (2008), o *ethos* encontra-se no sujeito construído no discurso, é uma imagem do autor, não o autor real (de carne e osso), mas um autor discursivo (construído pela tessitura e pela textura do texto). Essa relação de *ethos* como estilo na enunciação marca o jeito individual do ser social.

Retomando a ideia aristotélica de que *ethos* é construído na esfera do discurso, Maingueneau (2005) afirma que não existe um *ethos* preestabelecido, mas sim que ele é construído no âmbito da atividade discursiva. Logo o *ethos* nos estudos discursivos da ciência da linguagem é um fenômeno que se constrói dentro da esfera enunciativa e se mostra por meio do discurso do orador. Barthes *apud* Maingueneau (2005, p.70) define a construção da imagem como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar (...). O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: eu sou isso e não aquilo”. Assim, o *ethos* liga-se ao orador pelas escolhas léxicas e estilísticas feitas por ele, escolhas estas que revelam a imagem do próprio orador, durante o processo discursivo.

Para a AD de corrente francesa o *ethos* é o enunciador. Segundo Ducrot (1984), o *ethos* é o locutor enquanto tal que interessa, o personagem que fala, não o indivíduo. Pode-se então abstrair que o *ethos* é o sujeito dentro de uma enunciação. Para Maingueneau (2013, p.104) “todo discurso, oral ou escrito, supõe um *ethos* e sua fala participa de um comportamento global”. Toda fala é produto de um enunciador

encarnado, uma voz. Mesmo o texto escrito possui e é sustentado por uma voz. O *ethos* é a voz que sustenta esse discurso e está desvinculado do indivíduo real. Logo o *ethos* é um sujeito de enunciação independente do seu autor, do criador do discurso.

Considerando o *ethos* como a voz desse discurso, a voz que caracteriza a mensagem articulada pela cena de enunciação, o *ethos* revela-se a personalidade desse enunciador. Como característica do *ethos*, tem-se a exposição dos traços de caráter que o enunciador quer que o interlocutor conheça. Então o *ethos* permite que o leitor faça uma representação da corporalidade do enunciador e isso é possível pelo tom da autoridade que o *ethos* proporciona ao que é dito.

Para que esse conceito seja melhor entendido, pode-se valer de um anúncio de creme dental. A presença de uma figura de autoridade como um dentista ou de pesquisadores em um laboratório testando o produto, valida o discurso que é proferido, pois compete um tom de cientificidade ao anúncio. Logo, o *ethos* assume a voz de um profissional com capacidade científica suficiente para poder argumentar que o uso daquele produto é indicado ao público. O papel da leitura feita pelo interlocutor é de fiador do que é dito.

Vale inferir que o *ethos* é algo que supera a dimensão da voz do enunciado, por ser um conjunto de princípios físicos e psíquicos que tem uma relação direta com a representação coletiva da personagem do discurso. Voltando a falar sobre o fiador, este está impelido de formalizar por meio do caráter e da corporalidade, uma figura física desse *ethos* (o que veste e como se movimenta no meio social), baseando-se nas representações sociais conhecidas pelo tipo representado pelo *ethos* do discurso na sociedade. O caráter está presente nos traços psicológicos e a corporalidade no aspecto físico materializado.

Essas representações sociais são adaptáveis, visto que o leitor – fiador – pode modificá-las ou confrontá-las de acordo com a sua bagagem cultural, ou exemplos de estereótipos que ele conheça, seja por meio da literatura, cinema ou meio social em que ele vive.

O universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas idéias que transmite; na realidade, essas idéias se apresentam por intermédio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em uma experiência vivida. (MAINGUENEAU, 2013, p.108).

Outro desdobramento do *ethos* no qual ocorre uma ação sobre o co-enunciador de um discurso é o que chamamos de incorporação. A incorporação parte de três princípios indissociáveis: o primeiro garante que o enunciador concede um *ethos* ao fiador e este lhe fornece um corpo. O segundo princípio trata que o co-enunciador incorpora as características que inserem esse sujeito na sociedade, e por fim o terceiro são as imagens concedidas a esse corpo por meio das referências de mundo.

Pode-se concluir então que a incorporação é a ação do *ethos* para persuadir o co-enunciador (com quem o discurso fala). É pela incorporação que ocorrerá ou não a identificação do co-enunciador com a ideologia presente no discurso: o fiador como sujeito da enunciação que tem uma forma específica de se inscrever no mundo. Está então nessa parte a representatividade do discurso que vai inserir certo público na cena de enunciação. Essa representatividade é sinônimo de pertencimento, um discurso que representa o que somos e pensamos sobre o mundo e a sociedade.

Para finalizar temos as definições de *ethos* dito e *ethos* mostrado. O primeiro trata da superfície do texto, representada pelas palavras (escolhas lexicais), portanto pertence ao plano das marcas discursivas. Já o segundo abarca o que é dito indiretamente, o plano subjetivo, ao qual pertencem as metáforas e demais figuras de linguagem, tudo que na cena fica subentendido ou subliminar.

Nessa categoria entram os discursos escritos com características de discursos falado e o discurso falado com estilo de discurso escrito. Vale frisar que o *ethos* dito pode ou não afirmar o que diz o *ethos* mostrado. É o que se pode aferir em discursos políticos. Nem sempre o que o *ethos* dito pronuncia pode ser confirmado pelo que o *ethos* mostrado depreende indiretamente. Por trás de um discurso aparentemente patriota e democrático, pode estar uma ideologia austera antidemocrática e ditatorial.

Para o presente trabalho, todas essas definições e desdobramentos do *ethos* serão imprescindíveis para o entendimento da cena de enunciação, na qual a cenografia e a personagem retratam a mais dura realidade vivida por uma mulher presa a um relacionamento abusivo.

2. O conto marido, de Lídia Jorge

O conto Marido, da escritora contemporânea portuguesa Lídia Jorge, dá título à coletânea, “Marido” e foi originalmente publicado na revista Vértice, em abril de 1989.

Contextualizando historicamente, o conto narra a vida de dois personagens que fogem de Portugal, pois são frutos de uma diáspora política e econômica. Ambientado nos anos 50, o conto apresenta a personagem Lúcia, uma mulher extremamente católica que é porteira de um prédio no qual moram figuras importantes da sociedade, como médicos e advogados.

A extrema religiosidade da porteira é retratada durante todo o conto, pois Lúcia reza em latim acendendo velas o dia inteiro pedindo e rogando pela saúde e bem estar de seu marido. Na realidade a verdadeira intenção de Lúcia ao se preocupar com seu marido é se proteger, pois cada vez que o marido tem

² A diáspora econômica e política em questão ocorreu entre as décadas de 50 e 70 em Portugal. Os portugueses deixaram o país para fugir da ditadura Salazarista e para buscar trabalho e condições melhores de vida. Os países escolhidos como destino eram principalmente África e Brasil.

um problema na rua ou no trabalho, desconta em Lúcia sua fúria maltratando-a com agressões físicas e verbais.

As rezas de Lúcia representadas pelas frases em latim permeiam toda a escrita do conto de modo a levar o leitor a uma imersão na angústia da personagem, ao modo de Nara suas ações e pensamentos misturados com o latim.

A dor e o sofrimento provocados pelo abuso físico vivenciado pela personagem geram na mesma uma obsessão pela vida e cotidiano do marido. Seus vizinhos são coniventes com o abuso e aqueles que se aproximam querendo ajudá-la são repelidos pois ela não percebe a dureza de sua realidade, acreditando que o marido não é uma pessoa ruim e sim um homem trabalhador que passa por dificuldades e são elas que fazem com que ele fique alcoolizado e a agrida.

Lúcia é uma personagem que retrata duas faces da mulher portuguesa nos anos 50. A primeira é a face de uma mulher submissa, dependente de um casamento e da importância que havia em se ter um marido naquela época, por pior que ele fosse. A segunda face revela a importância da religiosidade católica para o povo português, fato ratificado pela escolha do latim para representar as rezas da personagem. O marido aparece também como uma figura santificada, como uma imagem de adoração para Lúcia.

A personagem chega a pensar que a culpa de toda a violência sofrida é dela e tenta então modificar suas atitudes. Ela decide deixar de fugir de seu marido quando ele retorna para casa bêbado e tenta então ir ao encontro dele, recebendo-o de braços abertos, preocupando-se com seu bem estar, tirando seus sapatos e fazendo companhia a ele.

A porteira então pensa que todos aqueles que quiseram separá-la de seu marido são pessoas horríveis e que o marido dela era um homem bom que merecia seus cuidados. Mas, infelizmente, seu marido a puxa pela roupa e incendeia seu corpo e seus cabelos, culminando na última violência contra ela, que desce as escadas do prédio em chamas parado somente no quinto andar em frente à porta do advogado que havia lhe oferecido ajuda.

O conto critica uma sociedade pautada no patriarcado, na qual a vida de uma mulher não tem valor. Todo o valor da mulher está em conseguir um casamento e ser fiel e cuidar de seu marido e família. O castigo daquela que ousar se rebelar ou pedir a separação, será o inferno. Nesse aspecto há também uma crítica ao excesso da religiosidade que por vezes justifica as ações violentas dos homens.

A importância do conto *Marido* ultrapassa a Literatura. Ele tem uma importância social ao retratar um caso de feminicídio, no qual a mulher, assim como a personagem Lúcia, é morta pelo simples fato de ser uma mulher.

Muitas análises literárias já foram feitas usando o conto *marido* como objeto de estudo, mas a proposta do presente trabalho é analisar a construção do ethos da personagem Lúcia na cena de enunciação, a qual

carateriza o conto como uma cena validada (cena instaurada na memória coletiva) de um caso de violência doméstica que culmina em um feminicídio.

3.1 o *ethos* da personagem Lúcia

Partindo da definição de *ethos* como enunciador encarnado e a voz que sustenta um texto, podemos julgar que o texto do conto marido é sustentado pela voz de Lúcia, visto que é dela a voz materializada e subliminar presente em todas as ações do texto, mesmo que pensamentos.

O que valida o *ethos* de Lúcia como personalidade típica de uma mulher vítima de abuso é o tom angustiado das falas e ações da personagem que vive um cotidiano pautado em uma sucessão de rezas e preocupações, como se ela estivesse sendo julgada e observada a cada passo, correndo sempre o risco eminente de uma violência. O tom também é responsável pelos traços de caráter que são mostrados pela personagem, uma mulher religiosa e esposa dedicada que demonstra para seus vizinhos ser uma mulher forte e feliz em seu casamento, vivendo assim uma vida de mentiras e aparências.

Quanto ao caráter do *ethos* de Lúcia, tem-se uma variedade de traços psicológicos que ratificam uma personalidade submissa, que vive em função de seu agressor. Ela aceita toda a sua situação com passividade, sem se rebelar. Ela sabe que o marido por vezes sai do trabalho e não volta pra casa, pois fica em bares bebendo e possivelmente a traindo, afinal, ela não sabe onde ele está nessas horas entre o horário de saída do trabalho e o horário que ele chega em casa (linha 11), mesmo assim, acredita que a melhor forma de lidar com isso é rezar sempre pra que ele fique bem. Para Lúcia, proteger o marido das desventuras da vida é proteger a ela mesma das violências e abusos.

Lúcia também é movida pelo medo. Quando o marido chega tarde e ela percebe que ele está bêbado, ela se esconde o máximo possível para se proteger das agressões. Ela é uma personagem que não consegue sair do círculo de abuso, pois não tem força para isso e os motivos que a prendem ao casamento são na verdade valores aos quais ela foi induzida a acreditar, tanto pela sociedade da época, quanto pela religião.

A corporalidade do *ethos* de Lúcia é representada pela sua profissão, que a materializa na sociedade como uma mulher de classe não muito abastada que provavelmente trabalha como porteira no prédio em que vive para que possa ter uma moradia. O marido trabalha em uma oficina. O meio social no qual a porteira se move é um prédio de apartamentos de classe média alta no qual moram pessoas ricas, advogados e médicos.

Essa corporalidade valida a maior parte dos casos de violência doméstica, que mesmo existindo em todas as classes sociais, encontra-se em maior número nas classes mais desprovidas. Geralmente essas mulheres têm mais dificuldade em se libertar desses relacionamentos por não possuírem condições de se

sustentar financeiramente sem os maridos, o que acentua a submissão e faz com que a mulher se sujeite à violência.

A incorporação trata de fazer o papel de persuadir e convencer o fiador ou leitor a repudiar a violência doméstica. Pelo tom angustiado das rezas em latim da personagem, ficam claras a perturbação mental e física que permeiam a vida da porteira Lúcia e isso valida e ratifica a forma com que a vítima de abuso se inscreve na sociedade, causando uma identificação positiva com leitores que passam por abuso ou conhecem alguém que é vítima dele.

O que caracteriza os pontos fortes que transformam o conto de Lídia Jorge em um dos contos mais incríveis que a autora já publicou, é a diferença de efeito de sentido provocada pelo *ethos* dito e o *ethos* mostrado.

O *ethos* dito caracterizado pelas marcas discursivas das escolhas lexicais que constituem o texto enquanto sucessão de signos morfológicos, fazem o leitor acreditar que o excesso de zelo de Lúcia com o seu esposo é o mesmo zelo de uma dona de casa amorosa que vive um casamento feliz. No início do conto, quando ela descreve os perigos que o marido pode viver nas ruas entre o horário que sai do trabalho e o horário que chega em casa, a construção textual leva o leitor a acreditar na legitimidade da preocupação, mas após a leitura integral do conto leva o leitor a duvidar de tal preocupação e entende-la como uma súplica aos céus para que algo de ruim aconteça com o marido e ele não volte nunca mais para casa, deixando Lúcia livre dos abusos.

Por meio das metáforas e alusões da personagem sobre o fogo e o comportamento do marido e dela mesma, percebe-se que o *ethos* mostrado contradiz o *ethos* dito pelas falas subentendidas do texto. O *ethos* mostrado também pode ser percebido quando o *ethos* usa ironia para falar daqueles que tentaram ajudá-la, o médico que ofereceu atestados para provar os abusos e o advogado que ofereceu tratar da separação legalmente, falando deles com desdém, como se fossem inimigos que estavam impedindo a sua felicidade junto ao seu marido.

Quanto à cena validada representada pelo conto, é a cena da mulher pobre, casada com um homem dominador, alcoólico que desconta todas as suas frustrações em sua companheira, que deve aguentar os abusos e violências calada, pois ela é uma das posses desse homem, construído culturalmente em uma sociedade patriarcal. A esse homem fica garantido o direito de bater e incendiar sua esposa, pois ela não é nada além de uma simples mulher.

4. Considerações Finais

O *ethos* da personagem Lúcia é representado pela voz reprimida de uma mulher submissa e maltratada por um Marido que é o estereótipo de um homem comum e valorizado pela sociedade em sua visão patriarcal e machista, validado como um homem frequentador de bares, que, alcoolizado, volta para casa e abusa de sua esposa. Isso acontece porque este homem não percebe a sua esposa, ou qualquer mulher, como o outro, mas sim como sua posse e por isso, um objeto sem vontades e escolhas, portanto, uma voz emudecida.

É também a voz de Lúcia que enuncia as rezas em latim e a preocupação excessiva com o marido e o seu cotidiano fora de casa. Pode-se dizer que essa voz da personagem constitui uma voz presente nas demais vítimas de relações abusivas pois há um parâmetro de igualdade nos discursos dessas vítimas e um padrão de pensamentos e ações. As justificativas para os abusos, o processo de culparem a si mesmas e a baixa autoestima são frequentes reflexos desse tipo de relação.

A escolha da autora por mencionar a palavra marido com a letra M inicial sempre maiúscula no texto, também concebe a importância que a figura de um marido tem na vida de uma mulher que pertence a uma sociedade patriarcal. Esse indivíduo, enquanto marido, representa status, segurança, provimento e garante que a mulher tenha o seu papel - que não é dela, mas que lhe é atribuído pela mesma sociedade - de esposa e mãe, garantidos. A mulher só é aceita e julgada como parte integrante dessa mesma sociedade, enquanto esposa de alguém. Essas imposições sociais e conceitos permeiam o abuso como princípio e causa. O homem abusa, pois lhe é permitido. A mulher aceita o abuso pois isso lhe é imposto.

Sabendo de seu papel e consciente da sociedade a qual pertence, Lúcia aceita a violência, pois acredita que qualquer abuso é melhor do que viver sem um marido e tudo que ele representa, tornando-se uma mulher marginalizada.

Para que o texto pudesse ser uma representação de um depoimento vívido do abuso e da violência conta a mulher e que provocasse no leitor o repúdio que ela esperava causar, Lídia Jorge construiu o conto Marido por meio de elementos discursivos que pudessem validar o texto enquanto retrato fiel da realidade, projetando no leitor o desespero e a brutalidade do abuso e isso é possibilitado pela escolha da cena validada e da cenografia, que por meio das rezas em latim da personagem, permite ao leitor uma imersão no universo de Lúcia e sua angústia vivida, esperando com medo pela próxima agressão.

Todos esses aspectos tornam o *ethos* da personagem Lúcia, ponto crucial na construção do enredo e do foco narrativo do conto Marido e conferem à autora Lídia Jorge, a maestria na representação da mulher e de todas as questões que envolvem ser uma mulher, temas centrais na concepção de toda sua obra.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, S. R: Editora da UNICAMP, 1996.
- COURTINE, J. **O tecido da memória**: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. Polifonia, Cuiabá, edufmt v. 12 n. 2 p. 1-13, 2006.
- DISCINI, N. Ethos e estilo In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. S. (Orgs.) **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 33-54.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987
- HEINE, P. V. B. **O ethos e a intimidade regulada**: especificidades da construção da construção do ethos no processo de revelação da intimidade no blogs pessoais. Dissertação de Mestrado. Salvador, Instituto de Letras UFBA, 2007.
- JORGE, Lúcia. **Marido e outros contos**. 4. Edição. Editora Dom Quixote, 1998.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 6. Edição. Ed. Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, D. (2005). Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.
- MUTTI, R.M.V. Memória no discurso pedagógico. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a [1969], p. 59-158.
- SAFFIOTI, H. Gênero e Patriarcado. In: **Marcadas a ferro**: Violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. –
- SONDHAUS, L. **A Primeira Guerra Mundial**. História Completa. São Paulo, Contexto, 2014.